

## Porque Jesus ensinava por Parábolas.

*“Todas estas coisas falou Jesus às multidões por parábolas, e sem parábolas nada lhes falava; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo”. Mateus, 13.34*

São 33 as parábolas, a mesma idade de Jesus no ano do Grande Sacrifício do Cordeiro.

Primeiramente, vamos ver no Dicionário Houaiss o sentido da palavra Parábola:

### Parábola

Acepções

substantivo feminino

1 narrativa alegórica que transmite uma mensagem indireta, por meio de comparação ou analogia

1.1 narrativa alegórica que encerra um preceito religioso ou moral, esp. as encontradas nos evangelhos

Ex.: a p. do filho pródigo.

E ainda segundo o mesmo Dicionário, alegorias são modo de expressão ou interpretação no âmbito artístico e intelectual, que consiste em representar pensamentos, idéias, qualidades sob forma figurada e em que cada elemento funciona como disfarce do conteúdo da idéia representada.

Portanto, Parábolas são apenas narrativas alegóricas, fantasias e, no caso de Jesus, foram e são usadas como veículo ilustrativo para mais fácil entendimento das mensagens celestes que propagava, mas não tem força de revelação como verdade em si própria.

Mas nos Evangelhos uma Parábola é uma narrativa celestial colocada lado a lado a uma determinada verdade espiritual para fins de comparação e de fácil entendimento. As Parábolas contadas por Jesus Cristo, o Verbo de Deus, na maioria foram fundamentadas em exemplos comuns do dia a dia daqueles que o ouviam. A narrativa de Jesus em cada Parábola em si própria é simples, resumida e sem colorido literário algum e sua conclusão geralmente foi idealizada por Jesus de modo a não permitir dúvidas quanto ao que ele quis nos repassar.

Cada Parábola bíblica, colocada lado a lado de uma verdade espiritual, é como uma ilustração agradável, mas nenhuma das 33 Parábolas, abaixo relacionadas, tem sentido de revelação, ou seja, não serve para legitimar verdades que não foram claramente definidas no Evangelho, cujo exemplo veremos a seguir. E assim, ilustrando preceitos com Parábolas para o povinho ao qual Jesus veio dar preferência, permite um mais fácil entendimento do que ele se propôs a ensinar. Dessa forma, sendo a Parábola uma real janela do entendimento, Jesus Cristo atingiu e atinge todas as camadas sociais do povo de hoje e do povo para o qual veio, principalmente para a camada mais humilde da sociedade daquela época pastoril, à qual os fariseus chamava de ralé.

É necessário insistir e repetir que temos sempre ter em conta que as Parábolas de Jesus são contos fantasiosos e, como eu disse, são coloridos pelo qual a Verdade pode ser entendida, mas não tem conteúdo de verdade em si própria, portanto não vale como o relato de fato ou de revelação. Por exemplo: A Parábola do Samaritano foi um conto usado com extrema sabedoria por Jesus para mostrar que, para o Senhor, essencialmente mais vale mostrar-se cristão fora do templo, no dia a dia, mesmo quando isso exige sacrifícios, que ser apenas cristão prazerosamente sob o teto do templo clamando: Senhor! Senhor!

Da mesma forma, na Parábola do rico e Lázaro, Jesus diz de Abraão no Céu conversando com uma infeliz alma perdida no Inferno, sendo que tal quadro é mesmo uma alta fantasia que se fosse vista como Verdade se contraporía a inúmeros preceitos do próprio Jesus que revelam que o Céu e o Inferno só serão habitados no Grande Dia da Ressurreição, do Julgamento Final, pois Abraão, como todos os que já faleceram, continua dormindo o sono dos justos e o Inferno só será habitado no Grande Dia da Ressurreição dos Mortos quando Jesus voltar, muitíssimo claro em Mateus, 25.31 a 45. Mas o objetivo da fantasia visa mostrar (na época, a todos, mas principalmente aos fariseus que também ouviam a Jesus, como também aos de hoje) o imenso valor de importar-se com os menos favorecidos e a quase impossibilidade de um rico alcançar o Reino de Deus, pois quase sempre ele acumula riquezas materiais, redundando em ganância, em detrimento daquele que nada tem, inviabilizando uma justa distribuição de rendas e fomentando a miséria.

Jesus foi bem claro no alto e grandioso valor da caridade e do amor ao semelhante em Mateus, 25.31 a 45, mostrando que o nosso semelhante, principalmente o necessitado é a própria emanção de Deus. E assim, fica absolutamente impossível amar ao Senhor sem que esse amor antes passe pelo amor de servidão ao semelhante.

Repito: nenhuma doutrina pode ser baseada sobre detalhes incidentais de uma Parábola, pois foram contadas por Jesus como conto fantasia, como sendo um exemplo ilustrado para melhor entendimento da Verdade revelada por Jesus Cristo. Assim, ao contar a Parábola do rico e Lázaro, Jesus NÃO legitimou Abraão no Céu, tampouco o rico no Inferno.

Jesus, o Cristo de Deus não estava nesta Parábola tratando do estado do homem após a morte, nem do destino final do rico ou do miserável. Jesus apenas utilizava essa imagem como exemplo de seus preceitos quanto à alta necessidade da prática real da caridade, do amor ao semelhante, emanção de Deus. Sobre tudo, interpretar que a Parábola do rico e Lázaro, o mendigo ensina que os homens recebem sua recompensa imediatamente após a morte, é contradizer clara e gravemente a Palavra de Deus que nos revela, sem sombra de dúvidas, que por enquanto não há uma só alma humana no Céu, pois os justos de Deus só subirão ao Céu no Dia em que Jesus Voltar. Provas bíblicas claríssimas a esse respeito estão no arquivo de número 113, na página 2 do site [www.segundoasescrituras.com](http://www.segundoasescrituras.com), de nome: **“Por enquanto, não há um só santo ou santa no Céu”**.

A Parábola do rico e Lázaro, o mendigo, tem o propósito de ensinar que o destino futuro de cada ser humano, ou seja, o seu espírito fica determinado pelo modo como homem e a mulher aproveitam ou não as oportunidades nesta vida lhes concedidas por Jesus, o Caminho, para a salvação na eternidade. Quem aceitar o celeste desafio de Jesus: “Tome a tua cruz e me siga”, de trilhar o Caminho Apertado e o de entrar pela Porta Estreita estará no rumo certo da eternidade feliz.

**“Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?”**. Jesus, em Lucas, 16.11, mostrando que se o rico não dividir sua riqueza com o pobre, não terá parte com Deus na eternidade.

Sendo assim, compreende-se que Jesus, por essa Parábola do Rico e Lázaro, dirigia-se aos os fariseus que não administravam suas riquezas de acordo com a Boa Nova que veio implantar, e por isso estavam arriscando-se a enfrentarem o Lago de Fogo da Segunda Morte. Lembramos que essa mensagem vale, também, para os de hoje.

Fernando Chajj, um pastor escritor cristão, já escreveu: *“Fosse essa história de Rico e Lázaro uma narrativa real, enfrentaríamos o absurdo de ter que admitir ser o “seio de Abraão” o lugar onde os justos desfrutarão o gozo, e que os ímpios poderão ver um ao outro e trocar entendimentos”*.

De modo algum, em lugar algum, a Palavra de Deus descreve o Reino de Deus onde os justos se comunicam visualmente com os do inferno e vice versa, mesmo porque o Inferno só será habitado no Grande Dia da Volta de Jesus, assim como o Reino de Deus só será habitado nesse Dia.

Antes da vinda de Jesus, com a Boa Nova para a Redenção da Humanidade, os ricos eram tidos como os abençoados de Deus, exatamente por ter Deus Pai lhes cumulado de bens, e os pobres eram vistos como a escória do mundo, por isso mesmo, longe de Deus. Por isso, os apóstolos de Jesus se surpreenderam vivamente quando ele mudou os conceitos viventes sobre a primazia dos ricos elevando, nas Bem-aventuranças, os pobres e humildes como os preferidos de Deus Pai e quando foi direto ao revelar que é quase impossível a um rico se salvar (Marcos, 10.24). Por isso, essa Parábola do Rico e Lázaro causou estranheza nos fariseus que também ouviam Jesus.

É quase impossível a um rico se salvar porque ele é egoísta. Quanto mais tem, mais quer e sem o repartir de sua riqueza, se distancia imensamente do Mandamento do Amor de Jesus, em Mateus, 22.38:

*“Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo**”*.

*“Para Deus não há diferença de pessoas. Assim, pois, todos os que sem a lei pecaram, também sem lei perecerão; e todos os que com a lei pecaram, mediante a lei serão julgados, porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, **mas todos os que praticam a lei hão de ser justificados**”*. Romanos, 2.12. Paulo, novamente, ressalta o valor dos Dez Mandamentos.

O homem não será julgado por sua fé, porque fé sem obras NÃO salva (Tiago 2. 17 e 18) mas pelo que fez ou que realizou por amor ao Senhor, amor esse que tem, necessária e absolutamente passar pelo amor de ação pelo semelhante. No caso da Parábola do rico e Lázaro, o homem abastado, por amor maior ao mundo e a ele próprio, zombou das boas obras de amor de caridade:

*“Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”.*  
Eclesiastes, 12.14.

Em todas as mensagens à sete igreja do Apocalipse, nos mostra a salvação pelas obras de caridade por amor ao semelhante.

*“Naqueles dias e naquele tempo, farei brotar a Davi um Renovo de justiça; ele executará juízo e justiça na terra”.*  
Jeremias, 33.15.

Antes de Jesus e o seu Evangelho, os fariseus e judeus em geral depositavam a sua esperança de salvação no pai Abraão. É notório que os fariseus se dirigiram tantas vezes a Jesus, até de modo arrogante, repetindo sempre serem eles filhos de Abraão, vendo nesse Patriarca o futuro refúgio, o “seio de Abraão”, um patrono poderoso no caminho para a eternidade. Por isso mesmo Jesus atçou-os contando a Parábola do rico e Lázaro, mostrando que a salvação NÃO está em Abraão nem em humano algum, mas naquele que aceita e vive os preceitos de Jesus que necessariamente tem de passar pelo amor das ações de caridade, que aliado à fé é o maior e o mais importante dos preceitos cristãos, segundo I Coríntios, 13.13.

Vamos enumerar as 33 Parábolas de Jesus. O interessante é que no Evangelho de João não há os relatos de Parábolas.

- 1- Parábola do semeador. Lucas, 8.4
- 2- Parábola da lamparina. Lucas, 8.16.
- 3- Parábola do Samaritano. Lucas, 10.25
- 4- Parábola do amigo insistente. Lucas, 11.5.
- 5- Parábola do rico insensato. Lucas, 12.13.
- 6- Parábola do servo vigilante. Lucas, 12.35.
- 7- Parábola dos sinais dos tempos. Lucas, 12.54.
- 8- Parábola da figueira. Lucas, 13.6.
- 9- Parábola do grão de mostarda. Lucas, 13.18.
- 10- Parábola do fermento. Lucas, 13.20.
- 11- Parábola dos convivas. Lucas, 14.7.
- 12- Parábola da grande ceia. Lucas, 14.15.
- 13- Parábola da ovelha desgarrada. Lucas, 15.3.
- 14- Parábola do dinheiro perdido. Lucas, 15.8.
- 15- Parábola do mordomo infiel. Lucas, 16.1.
- 16- Parábola do rico e Lázaro. Lucas, 16.19.
- 17- Parábola do mau juiz. Lucas, 18.2.
- 18- Parábola do fariseu e do publicano. Lucas, 18.9.
- 19- Parábola das dez virgens. Lucas, 19.12.
- 20- Parábola dos maus vinhateiros. Lucas, 20.9.
- 21- Parábola da previdência. Lucas, 14.28.
- 22- Parábola do rei e a guerra. Lucas, 14.31.
- 23- Parábola do Filho pródigo. Lucas, 15.11.
- 24- Parábola do joio. Mateus, 13.24.
- 25- Parábola do tesouro escondido. Mateus, 13.44.
- 26- Parábola da pérola. Mateus, 13.45.
- 27- Parábola do escriba; Mateus, 13.52.
- 28- Parábola do servo devedor. Mateus, 18.23.
- 29- Parábola das horas de trabalho. Mateus, 20.1.
- 30- Parábola dos dois filhos. Mateus, 21.28.
- 31- Parábola dos dois servos. Mateus, 24.45.
- 32- Parábola dos talentos. Mateus, 25.14.
- 33- Parábola da semente. Marcos, 4.26.

*“Assim, Ihes ensinava muitas coisas por parábolas, no decorrer do seu doutrinação”.* Marcos, 4.2.

Mas afinal, por que Jesus ensinava em Parábolas?

Jesus usava como comparações coisas do cotidiano do povinho. No tempo de Jesus ainda não havia um Evangelho Escrito, nem era costume anotar as Palavras de Jesus, por isso, as 33 Parábolas, seus símbolos e situações foram fundamentais para gravar na mente dos ouvintes as mensagens ao coração ensinadas por Jesus. Por exemplo: quanto à Parábola do Semeador, a um ouvinte da roça seria muito fácil assimilar os efeitos da semente sob as diversas situações exemplificadas por Jesus. Da mesma forma Jesus se referiu ao grão de mostarda que cresce e se torna uma grande árvore; ao fermento que cresce e isso tudo tem a ver com o cotidiano, principalmente, do povinho da roça.

Sendo Parábolas contos de ficção, **não** existiu um homem que vendeu tudo o que tinha para comprar uma valiosa pérola.

**Não** existiu um senhor que, rejeitado pelos nobres, convocou toda a sorte de miseráveis e doentes e os demais que formavam a baixa ralé da sociedade para a grande festa que promovia, mesmo porque os nobres sempre aceitam os convites dos reis, principalmente para festas.

**Não** houve um filho de judeu extraviado que para sobreviver teve de comer da lavagem de imundos porcos.

**Não** houve um Abraão no Céu de Deus confabulando com um hóspede do Inferno e por aí afora.

Os clérigos e defensores da doutrina católica, não encontrado um só preceito direto de Jesus para tentar legitimar o fantasioso Purgatório, inexistente na Palavra de Deus, valem-se de Parábolas, como se Parábolas tivessem sido contadas com conteúdo além da fantasia. Sendo assim, Valem-se do conto fantasia que se refere a poucos ou muitos açoites, como se esses açoites pudessem representar o sofrimento no incrível Purgatório Católico. Esse tal Purgatório católico só foi “reconhecido” oficialmente pelo alto clero no Concílio de Florença, em 1439, confirmada e concretizada pelo Concílio de Trento, um século depois do concílio de Florença, ou seja, justamente no século do Grande Cisma, o século do clímax da corrupção clerical católica na qual se chegou ao imenso absurdo de se venderem partes do Céu aos que puderam pagar bem, cujo dinheiro foi usado para o acabamento do luxuoso Vaticano, ao tempo do Papa Leão X.

*“Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão”.* Jesus, em Lucas, 12.47 a 49.

Quanto a Lucas, 47 a 49, escrevi um arquivo muito claro a respeito de sofrer muito ou sofrer menos, de número 75, página dois do site [www.segundoasescrituras.com](http://www.segundoasescrituras.com) que diz das diferenças do futuro Inferno e do futuro Lago de Fogo da Segunda Morte, bem coerente, por sinal.

Só pode entender as Parábolas de Jesus quem procura entender. Só consegue crer quem busca crer. Só pode ter sabedoria e discernimento quem clama ao Senhor por essa grandiosidade espiritual, segundo Tiago, 1.5.

Waldecy Antonio Simões  
[netsimoes@terra.com.br](mailto:netsimoes@terra.com.br)  
[www.segundoasescrituras.com](http://www.segundoasescrituras.com)